

RUBEM BRAGA ESCREVE, DIRETAMENTE DO FRONT, PARA O DIARIO CARIOCA

O ASPERO SETOR ONDE LUTAM OS BRASILEIROS

COM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, correspondente de guerra, do DIARIO CARIOCA — Via aerea — As forças brasileiras estão atuando em um setor naturalmente pequeno, mas importante, na frente do 5º Exército. Escrevendo uma quinzena atrás eu me mostrei pessimista sobre a possibilidade de algum avanço rápido de nossos homens, citando as condições de tempo e a natureza do terreno que facilitam muito a defesa do inimigo. Com um intervalo de quase duas semanas nossos homens atacaram, com resultado negativo, um monte de mais de mil metros de altitude.

Assisti ao primeiro ataque, mas não ao segundo, do qual, entretanto, tenho informações colhidas dos oficiais e soldados que o fizeram. O desenvolvimento dos dois ataques foi diferente, com o primeiro sendo o dispositivo armado. O segundo não teve, devido ao estado do tempo, o apoio da aviação que o primeiro teve. Em ambos os

casos a artilharia funcionou muito, e o emprego de tanques foi, devido à natureza do terreno, pouco frutífero.

No primeiro ataque, os homens de nosso flanco direito, avançaram até cerca de 90 metros do cume do monte, enquanto as tropas do flanco esquerdo eram detidas por forte fogo de barragem, principalmente de morteiros.

No segundo ataque as defesas alemãs pareciam estar mais fortes no nosso flanco direito.

O terreno facilita, ali, a instalação de ninhos de metralhadoras que a artilharia dificilmente pôde localizar e bater. O progresso foi mais acentuado no flanco esquerdo, onde algumas unidades avançaram cerca de 900 metros.

A certa altura do dia foi dada a ordem de recuar, sem que o inimigo tivesse realizado nenhum contra-ataque. E' que, sem poder ser completada a operação, não convinha que algumas forças se man-

tivessem em posições onde estariam muito expostas ao fogo inimigo.

E' provável que, ao chegar a esta correspondência, a situação esteja modificada. Por um lado os dois ataques forneceram ao Estado Maior um material de estudo e crítica que está sendo, naturalmente, aproveitado. Combinando-se a experiência das duas tentativas — no que elas tiveram de semelhante e no que tiveram de diferente — será, certamente, possível, adotar uma outra solução. Por outro lado a evolução da luta pode tornar aconselhável um esforço maior em outro ponto. Isso eu não sei — e espero que o leitor, ao vêr estas linhas, esteja melhor informado do que eu.

ONDE OS BRASILEIROS LUTAM

Nossas tropas já mudaram de setor mais de uma vez — e nenhum é tão importante como aquele em que estão hoje. Creio que agora a censura aliada não tem mais motivos para esconder a lo-

calização de nossas forças, ao menos no ponto em que nos interessa aqui.

Pegue o leitor um mapa qualquer da Italia e verá esta coisa simples: Florença está numa planície e Bolonha em outra. Entre as duas grandes cidades está um trecho dos Apeninos, que é atravessado aí por uma estrada. Essa estrada segue quase perfeitamente a linha norte-sul, embora esteja longe de ser reta, pois aproveita as passagens entre as montanhas.

Ha ainda dois outros caminhos principais para Bolonha. Um deles vem do Adriatico: a estrada que corre em linha reta (pois é feita na planície) de sudoeste para noroeste, passando por Faenza. A terceira estrada é que vai de Pistoia (entre Florença e Lucca) para Bolonha. Essa estrada passa por Porreta (que está em mãos aliadas) e Vergato (que ainda está com os nazistas). No trecho entre Porreta e Bolonha ela acompanha o vale de um rio — Reno — que desce para o vale do Pó.

Deixando de lado, portanto, a estrada que vem do Adriatico, ha dois eixos principais de todas as comunicações do Sul da Italia com o Norte, demandando Bolonha: as estradas Florença-Bolonha e Pistoia-Bolonha.

Vejamos esta ultima. Porreta — que é uma estação balnearia de aguas sulfurosas — fica encravada nos Apeninos, no mesmo paralelo da baía de La Spezia — ou mais precisamente — no fundo dessa baía. Fica a pouco mais de 30 quilômetros de Pistoia, e isso quer dizer cerca de um terço do caminho entre Pistoia e Bolonha. Ali passa o Reno, que a estrada margeia na sua descida em direção ao nordeste. As tropas aliadas avançam naturalmente por esse vale, chegando até as proximidades de Vergato. Os alemães, entretanto, são ainda senhores de muitas montanhas do lado noroeste dessa estrada.

Do alto dessas montanhas eles batem às estradas. O terreno obri-

ga, portanto, ao seguinte: para marchar ao longo do vale na direção nordeste (direção de Bolonha) é preciso, às vezes, atacar para o norte, ou para nordeste, ou para oeste, ou mesmo para sudoeste, (conforme as voltas que a estrada faz, impressada entre montanhas) para desalojar os alemães das elevações.

Uma dessas elevações é o Monte Castelo. Foi essa que os brasileiros atacaram duas vezes, sem conseguir ocupá-la. Esse Monte Castelo, de 1.077 metros de altitude, fica alguns quilômetros ao norte (um quase nada para oeste) de Porreta. Os aliados estão de posse de várias elevações antes dele.

Os nazistas ocupam o Monte della Torraccia (1082 metros) logo depois do Castelo, e o Belvedere (1139), um pouco para oeste, sendo que este ultimo já esteve em mãos aliadas. A leste os aliados já ultrapassaram o paralelo do Castelo, avançando ao longo do vale do Reno e ocupando algumas elevações às duas margens do rio.

1/2/44